

Dos seus muitos anos de experiência no trato com jovens em apuros, um juiz destila aqui uma série de sugestões destinadas a ensinar os pais a manterem eficazmente a sua autoridade

## “Mas, Senhor Juiz?...”

Condensado de CONTEMPORARY

JUIZ LEO B. BLESSING  
COM ARLENE E HOWARD EISENBERG

“**M**AS, SR. JUIZ, qual é a medida justa da disciplina?”, perguntou-me recentemente uma senhora num simpósio sôbre “O Adolescente Revoltado”. Essa pergunta me tem sido feita várias vêzes, não porque eu tenha qualquer sabedoria especial, mas porque se julga que, em vista do pôsto de observação privilegiado que ocupo num tribunal, estou em condições de ver os erros que os pais cometem.

Não há, infelizmente, maneira simples de reduzir a uma fórmula a “justa disciplina”. Mas quando os pais chegam à minha presença com filhos que se rebelaram contra a auto-

ridade do lar, dos professôres ou da lei, costume fazer as sugestões seguintes:

1. *Estimule as confidências de seu filho, mas não as exija.* A intimidade é um direito de todo ser humano, seja qual fôr a sua idade. E isso inclui a intimidade de pensamento. Entretanto, é comum ouvirem-se interrogatórios dos pais assim:

- Aonde é que vai?
- À casa de Fulano.
- Que é que vai fazer lá?
- Conversar.
- Conversar sôbre quê?

Essa mãe ou êsse pai está prestando ao filho um grande desserviço. Lembro-me de um rapaz que se via permanentemente em situações difíceis—entrando nos cinemas sem pagar, roubando bombons, procedendo mal. O lar parecia bom, mas fal-

---

LEO B. BLESSING, Juiz de Menores em Nova Orléans, Luisiana, é presidente da seção de Tribunais Juvenis e de Família do Conselho Nacional de Crime e Delinqüência dos Estados Unidos.

tava-lhe um elemento: o rapaz jamais tivera a confiança da mãe. Êle se rebelava contra o rigoroso domínio materno e a sua resistência a permitir-lhe uma vida pessoal. Ajudei-o a alistar-se na Marinha. Voltou dois anos depois, herói condecorado. Pai agora, êle está ajudando outras crianças difíceis como supervisor de menores delinqüentes em liberdade condicional e conselheiro-orientador.

Os pais que respeitam o direito dos filhos à sua própria intimidade descobrem em geral que os jovens lhes comunicam os seus pensamentos e planos e esforçam-se àrduamente por corresponder à confiança.

2. *Evite comparações entre os seus filhos.* Tôda criança precisa sentir que tem valor e é importante. Muitas não o conseguem. Recentemente, no meu juizado, um pai se levantou e denunciou o filho. “Sr. Juiz”, declarou êle farisaicamente, “eu tenho mais cinco filhos—todos êles bons meninos. *Êsse é o único que não presta.* Não posso admitir isso. Se quiser, pode mandá-lo para a prisão.”

Suas palavras me chocaram e posso imaginar quanto magoaram o filho. A rebelião ou a reserva de um menino não passam muitas vezes de uma reação violenta a “Por que você não é como Fulano?”—um desejo ardente de atenção, de um amor que lhe seja dado não por ser inteligente, simpático ou bom, mas por êle ser êle mesmo. Tímido ou sociável, esportivo ou estudioso, calmo ou agressivo, um menino precisa de aceitação.

3. *Dê um bom exemplo para ser seguido por seus filhos.* Lembro-me de um menino que estava diante de mim no tribunal e retorquiui à admoestação dos pais para não mentir dizendo: “Por que não? Vocês fazem isso o tempo todo!”

Quantos pais pregam mentiras de conveniência no seu trabalho ou na declaração do impôsto de renda, para depois se escandalizarem ao saberem que o filho colou nas provas? Quantos repreendem os filhos por dizerem nomes feios, mas contam anedotas equívocas? Não é com sermões que se constroem os alicerces do caráter, mas com tijolos de bons exemplos assentados dia a dia.

4. *Procure ver seu filho como os outros o vêem.* Alguns pais se negam a ver defeitos nos filhos. Lembro-me de uma mãe cujo filho foi trazido cinco vezes à minha presença. Em tôdas as ocasiões, ela insistiu em dizer que o filho era “vítima de más companhias”. Entretanto, os registros do tribunal mostravam que tôdas as vezes êle tinha sido o chefe que levava os outros pelo mau caminho. Corremos o risco de destruir o apoio que ela dava ao rapaz, mas insistimos em que ela lesse os registros e ficasse conhecendo o filho como realmente era. Era um risco que tínhamos de correr para ajudar o menino. Se um pai fecha os olhos às faltas dos filhos, como poderão êstes sequer começar a reconhecê-las?

5. *Não tente ser um camarada de seus filhos—seja um pai.* Por uma infinidade de razões, boas e más,

muitos pais se esforçam laboriosamente por assumir o papel de "camarada". Tremo intimamente quando penso na mãe divorciada de uma mocinha de 14 anos que insistia em ir a passeios e festas com a filha— não como acompanhante, mas como "uma das meninas". Lembro-me de um pai bem-intencionado que, tendo lido que devia ser camarada do filho, acompanhava-o a tôda a parte. Monopolizava de tal modo o garôto que êste acabou perdendo o contato com os seus iguais. Quando o trouxeram à nossa atenção como um problema na escola, procuramos mostrar ao pai a diferença que havia entre colocar-se no nível do filho como um camarada e estar pronto a atender às suas necessidades como um pai.

Uma criança cresce compartilhando as experiências e idéias com rapazes e môças de sua idade, competindo com os seus iguais e não com um pai ou mãe inevitavelmente mais experimentado e amadurecido. As crianças precisam de camaradas, sem dúvida; mas precisam também de pais— a quem possam respeitar, admirar e imitar.

6. *Aja em harmonia e coerentemente.* Quero dizer com isto que mãe e pai devem estar de acôrdo em matéria de disciplina e devem decidir juntos sôbre as regras que serão seguidas e como as infrações serão tratadas. Recebemos certa vez queixa de uma mãe que acusava o marido de haver espancado o filho. Falei com o garôto a sós e apurei que o pai nem lhe havia tocado. Êle sim-

plesmente fizera uma descoberta interessante e útil: se gritasse bem alto e por tempo suficiente, a mãe tomaria o partido dêle, por mais errado que estivesse.

Mas tenho em vista mais do que isso. A coerência é importante em tôda a vida da família. Regras sensatamente firmes— a respeito de televisão, refeições, roupas e deveres escolares— tornam a vida mais simples e mais agradável para todos. Uma coerência sadia, que permita uma atenuação das normas em ocasiões especiais, dá à criança a segurança que lhe é tão necessária num mundo inseguro.

7. *Aplique a disciplina apenas para corrigir uma criança, não para puni-la.* A disciplina deve ser firme e justa, mas temperada por clemência. Bater pode dar resultado com crianças pequenas, quando se faz isso logo em seguida à falta. As crianças mais velhas aprendem mais com o raciocínio ou com a restrição temporária de privilégios. E a maneira de resolver a situação *deve* "corresponder ao crime". Lembro-me de uma mãe que castigou o filho devolvendo o seu trombone— que êle adorava e era sua grande válvula emocional— ao departamento de música da escola que lho havia emprestado. A suspensão temporária da permissão de tocar o instrumento poderia ter servido para corrigir o procedimento do rapaz. A retirada permanente só teve como resultado revoltá-lo e afastá-lo.

Os pais com raiva freqüentemente anulam a diferença entre correção e

castigo. Mas o objetivo da correção deve ser a melhoria da conduta da parte da criança, ao passo que o castigo produz apenas um sentimento satisfeito de vingança da parte do pai.

8. *Deixe que seu filho procure o seu nível próprio.* Exercer pressão sobre as crianças para que façam mais do que são capazes de fazer torna-as hostis, insolentes, frustradas, culpadas e rebeldes. Lembro-me de um menino que não conseguia acompanhar os colegas nos estudos. Os pais não consentiram que fôsse colocado numa turma especial, afirmando que o filho era inteligente. Exigiram mais d'ele, fazendo-o abandonar os esportes. O menino começou a faltar às aulas todos os dias, e o seu caso foi levado ao nosso conhecimento. Os nossos assistentes-orientadores apuraram que êle tinha um quociente intelectual abaixo da média e convenceram os pais de que nunca seria um estudante brilhante. Êles concordaram em deixá-lo ir para uma escola profissional e ali êle deu boa conta de si.

Procure saber qual é o nível de seu filho e quando tiver certeza de que afastou tôdas as barreiras que poderiam impedi-lo de sair-se bem nos estudos—audição, visão, estado emocional—estimule-o e ajude-o a

vencer. Mas não o force a ir além da sua capacidade. Com isso estará apenas incitando-o à rebelião.

9. *Anime seu filho a realizar as suas ambições.* As ambições e esperanças de uma criança pertencem-lhe exclusivamente. Não importa quais sejam os sonhos dos pais. Lembro-me de um pai que queria que o filho fôsse médico. O rapaz só se interessava por consertos de carros e não de gente e, quando o pai continuou a exercer pressão, as frustrações do jovem explodiram de uma maneira paradoxal—começou a roubar peças de automóvel. Conseguimos convencer o pai de que o mundo precisa tanto de bons mecânicos como de bons médicos. Os pais que obrigam os filhos a seguirem carreiras que não são apropriadas, nem desejadas, podem terminar não com médicos e advogados na família, mas com adultos incapazes de encontrar emprêgo e infelizes, clientes habituais de médicos e advogados.

O prognóstico é felizmente bom para a maioria dos jovens. Os anos difíceis passarão. Se pudermos ser pacientes com os nossos filhos, tolerar-lhes as excentricidades e—o que é muito importante—*apreciá-los*, êles certamente encontrarão o seu rumo. Se existe algo que pode curar a adolescência é a passagem de alguns anos.



**A**S PIORES dificuldades de um homem começam quando êle consegue fazer o que quer.

—T. H. Huxley